



2022 © Memorabilia
Título: Bicho-do-Mato
Autor: Márcio Grings

Projeto gráfico: Giovani Faganello e Márcio Grings
Ilustração da capa: Vitor Cesar Borgias Vareiro
Ilustração da contracapa: Lu Vieira
Ilustração na nota introdutória: Paulo Chagas
Gravuras de pinheiros, galo dos ventos, abelha e junquilha: Rawpixel
Gravura da cigarra: Morimoto Toko
Textura de fundo da capa: Dan Cristian Padure
Conselho editorial: Camila Gonçalves, Vitor Biasoli e Paulo Juner
Coordenação editorial: Márcio Grings

1ª edição: abril de 2022
Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti
Editoração: Memorabilia Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grings, Márcio
Bicho-do-Mato / Márcio Grings. -- 1. ed. --
Santa Maria, RS : Grings - Memorabilia e Tours, 2022.
ISBN 978-65-84777-04-0
1. Haicai 2. Poesia brasileira I. Título.

22-105996 Índices para catálogo sistemático: CDD-B869.1
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



VISITE A LOJA

Todos os direitos autorais pertencem a Márcio Grings. Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma, maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem autorização legal ou por escrito do autor.

Autor: gringsmarcio@gmail.com
Editora: sac.memorabilia@gmail.com
Acervo: memorabiliastore.com.br





Sumário

- 9* Saída à Francesa
- 17* No Vale das Poças
- 19* Ressoando pelas Paredes
- 20* Aquarela Noturna
- 21* Sutileza
- 22* O Matador de Dragões
- 23* Influência Lunar
- 24* Triste Litoral
- 25* Sentado à Sombra de uma Árvore
- 27* Botinaço
- 28* Sweet Jane
- 29* Drive-In
- 31* Vlad
- 32* Antes que o Oeste Desapareça
- 33* Enquanto isso na Chácara das Flores
- 34* Ferro-Velho
- 35* A Vida de Cada Um
- 37* Hora Cósmica do Pardal

43 O Ciclo das Águas
44 Sole Mio
45 A Extradicação
46 Filme Mudo
47 Eu Sou a Casa em Chamas
49 Mal-Entendido
50 Os Pássaros
51 A Passagem de Cetro
52 Como um Quadro de Gauguin
53 O Jogador
54 Barulho à Beça
55 Estalo
56 Siesta, Sueño Y Nostalgia
57 Nuvem de Maiakovski
61 Sete Dias
62 Oráculo das Modificações
63 O Arcanjo Arremessador
64 Subindo pelas Paredes

65 O Louco da Lanterna
68 O Céu Desaba em Nós
69 Limpando a Bunda com a Bandeira
70 Traces of Son House
71 Cor de Sangue
73 Noturno
74 Em 26 de Maio
75 Rock and Roll
76 Não Quero Estar Aqui
77 Efêmero Caminho do Contentamento
80 To Jump in the Walking Train
81 O Naufrago e a Mulher Oceano
83 This Wheel's On Fire
84 Eu Sou o Automóvel
85 Greatest Hits
86 Brilhando no Escuro
87 Cacos de Vidro e Pétalas de Rosa
90 Modorra

- 91 Uma Oração
- 92 Frio na Montanha
- 93 Camafeu
- 95 Terra Molhada
- 96 Enquanto isso na Chácara das Flores II
- 97 Bicho-do-Mato
- 100 Espelho
- 101 Bem-Vindo ao Clube
- 103 Morango Sem Sabor
- 104 Galo dos Ventos
- 105 Põe à Mostra o Meu Coração
- 106 O Baterista
- 107 Enquanto o Disco Toca
- 108 Lanhado
- 109 Solitude
- 110 A Face do Criador
- 111 Rapsódia de Verão
- 112 Sexta-Feira 13
- 113 Entre Brenhas e Caraguatás



Saída à Francesa

“Ao escrever, não espere pela musa. Ela é um sujeito cabeça-dura, não suscetível a grandes voos criativos. Não se trata de brincadeira do copo ou de mensagens enviadas do mundo espiritual: é apenas um trabalho, como consertar canos ou dirigir carretas.” — Stephen King

Nos primeiros dias do século XXI, entre idas e vindas, eu escrevia. Juntava anotações em blocos, papéis amassados no bolso e produzia maços de material datilografado. O escritório era itinerante, muitas vezes lembro de ter rabiscado algo pelas mesas de cafés, paradas de ônibus e estúdios de rádio. Isso foi bem antes do computador. Sim, sou de uma geração que usava lápis, caneta esferográfica e achava um barato o som de uma máquina de escrever. Assim, há 20 anos, com 31 de idade, *Saindo da Linha* (2002) apresentaria um novo autor.

“Márcio Grings, poeta na periferia da periferia desse capitalismo truculento e sedutor, internalizou os ritmos, deixou que o melhor do rock borbulhasse em suas veias, plugou-se na imagética dos beats e botou pra quebrar. Isto é: escreveu versos”.

O texto de Vitor Biasoli estampado na orelha do meu primeiro livro reflete algo ainda imutável — continuo avançando nessa estrada periférica. Por outro lado, passados vinte anos, sinto como se vivesse uma outra vida, mas ainda impulsionada pela teimosia em continuar colocando livros no mundo. Assim, alternando contos, crônicas, escrita poética, ensaios sobre a cultura pop, cobertura de espetáculos musicais, colaborações em canções, colunas publicadas em jornais e sites de música, hoje visualizo uma produção multifacetada. Olhando para o que foi

feito, minha autocritica percebe muitos erros, mas algumas vezes, creio eu, acertei a mão.

O apanhado desta publicação celebra minha atividade literária, mas nem por isso Bicho-do-Mato pode ser considerado uma espécie de antologia. Não estamos falando de um álbum ao estilo “Os Grandes Sucessos”, até porque eu nunca compus um hit. Grande parte do material deste livro foi publicado ou gravado em algum lugar, mas vários dos textos/poemas selecionados nas páginas adiante tiveram subtrações ou adições. Zero trauma da minha parte. Os trechos e enxertos reescritos são a prova de que o passar do tempo — ou até mesmo o processo de amadurecimento —, nos priva de muitas coisas, mas nos dá outras tantas, como, por exemplo —, um maior entendimento do que

funciona e do que não funciona. Na verdade, gostaria de reescrever quase tudo! Por outro lado, alguns poemas passaram ilesos, ao estilo “first take, best take”, feito um blues bem-nascido durante um improviso. Afora essa intenção inicial, apresento aos leitores letras de canções, haicais e poesias inéditas. A intenção é celebrativa, de retrospecto e de balanço geral dos acontecimentos até aqui.

É como se os personagens dos poemas e dos textos passassem pelo tempo, feito o velho arqueado da capa, uma figura solitária irmanada ao ancião de Aqualung do Jethro Tull ou semelhante ao eremita do Led IV. A ilustração da contracapa é uma releitura em homenagem ao pai do verso livre, Walt Whitman, baseado numa gravura em metal feita

por Samuel Hollyer de um daguerreótipo* tirado em julho de 1854 por Gabriel Harrison. Whitman sempre foi uma das minhas Rosa dos Ventos.

Afora o conteúdo selecionado de Saindo da Linha, pontapé inicial para este revival, Bicho-do-Mato ainda apresenta materiais pinçados de Rock & Roll (2004), Vivendo à Sombra dos Gigantes (2006), A Nós, o Clube dos Descontentes (2009), Drive-In (2013), Todos os Pardais do Mundo (2019), Engarrando o Vento (2021) e Quando o Som Bate no Peito (2021), além de uma peça extraída de “Santa Invasão Poética (2003).

.....

* Antigo aparelho fotográfico inventado por Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.

Bicho-do-Mato é dedicado ao desenhador pernambucano Luiz Vidal de Negreiros Gomes, editor dos meus dois primeiros livros, querido amigo que, há exatos 20 anos, me indicou os caminhos e processos de uma publicação. Ainda sou grato aos talentosos ilustradores — Lu Vieira, Vitor Cesar B. Vareiro e Paulo Chagas. Giovani Faganello está novamente na cadeira de projetista gráfico de um livro da Memorabilia, algo a me deixar sempre feliz. Ah, quanto ao título deste livro, quem me conhece sabe: sou um bicho do mato disfarçado de ser sociável, com isso, faz todo o sentido batizá-lo assim. Esse debate contínuo grita todos os dias em mim, feito o mantra misantropo de Henry David Thoreau:

“Se um homem marcha com um passo diferente do dos seus companheiros, é porque ouve outro tambor”.

E, na variável linha limítrofe entre os dois mundos, ao ouvir os rumores indesejáveis de algum alvoroço, alguém percebe esse descompasso:

“E, quando os tamborins anunciarem a primeira noite de carnaval, esse Bicho-do-Mato desaparecerá no meio do bosque, tal como Sasquatch ou Saci-Pererê”.

Eu prefiro a companhia das lendas e das musas, por mais temperamentais que elas sejam.

Márcio Grings,
outono de 2022.



*“Visto minha roupa
feita de asas de cigarra
— agora já posso cantar.”*

Matsuo Bashō

Bicho do Mato

Márcio Grings



No Vale das Poças

Acorda.

A cama de ferro estala, o velho se vira.

Entreaberta, a janela do quarto entrega uma nesga de sol.

O sopro gelado de mais uma manhã de outono
solfeja um canto melancólico.

Levanta-se, ouve o barulho dos ossos estalando.

Veste-se, coloca uma touca, calça as botinas
ao caminhar pela casa, o assoalho faz barulho,
uma comunhão de estalos
que compõe uma orquestra matinal.

Vai até o galpão, junta alguns gravetos e pinhas.

Na cruzada, ao vê-lo, as galinhas cacarejam de fome,
assim como os porcos grunhem.

— Logo mais, pensa.

Olha em volta e vê os morros tapados de nuvens.

O dia mal começou, mas, a cada movimento,
o corpo arqueado dói como se fosse o final da tarde.

Após alimentar o fogão à lenha, liga o rádio.

O crepitar do fogo e a voz do locutor
se reconhecem naquele horário: 7h da manhã

— sempre a mesma cerimônia.



A chaleira chia — o cheiro de café
 toma conta da cozinha.
 Tssss... dois ovos fritam.
 Atiça ainda mais o fogo e se aproxima
 junto àquele calor aprazível.
 O gato se espreguiça.
 Assim como ele, o bicho se ajeita
 próximo à boca da chama.

O velho coça a barba, procura um lápis.
 Escreve num pedaço de papel pardo:

— Melhor assim.
 Aqui, no Vale das Poças,
 ninguém perto de mim.

Um triste fim? Longe, bem longe disso...

Ressoando pelas Paredes

Toda vez que me despeço de ti
 é apenas meu corpo que se vai
 porque meu espírito aventureiro permanece contigo.
 Basta lembrares daquilo que te disse ao acordar,
 leres o poema que deixei rascunhado sobre a cama,
 olhares as marcas que illustrei na tua vida
 para que percebas a minha presença no ar.

Meu cheiro amadurece e não fenece na tua lembrança.
 Minha voz ainda ressoa pelas paredes,
 pois te vigio solenemente à distância.
 Apanhei algumas frutas e as deixei sobre a mesa
 para que tu te revigores ao longo de um dia tranquilo.
 Parti cantando uma antiga canção burlesca.
 Alegria fortalece a aura e amedronta o inimigo.
 Marcas das minhas botas sujam a entrada do teu quarto,
 prova de que não estás sozinha,
 demarcando o quão palpável o passado pode ser.

O eterno retorno cavalga com o poente.
 A roda de um moinho nunca gira ao contrário.
 Assista o limiar de um ocaso previsível:
 O caminho que me leva é o mesmo que me traz,
 conquistas inexistem sem minha volta à tua porta.

Aquarela Noturna

Da janela,
vejo um galho
a espetar a lua.

*

Por detrás dos pinheiros,
estrelas frias
entre as nuvens.

*

Ventilador —
toca a mesma nota
até o sol nascer.

Sutileza

Sensação estranha, como se fossem iguais.
Partículas da mesma cepa, com sutis diferenças
que promovem um tipo exótico de liga
— catalisador de uma melancolia que ninguém explica.
Debaixo das nuvens, ele voa baixo em tons de cinza
e ela vem num rasante lá de cima
— direto do céu encardido.

Quando ambos dizem algo, surgem sobretons.
Juntos escalam montanhas, cantam canções,
apreciam aromas, entoam orações.
Palavras e pontes os levam ao oriente.

Ele ouve o riso dela pulando da sacada
— de braços abertos —
como um desejo ingovernável.

A janela está entreaberta,
mas é provável que a porta precise
ser derrubada a coices.